

INTRODUÇÃO

A maldição do cartesianismo

Richard Watson, *Cogito, Ergo Sum. The Life of René Descartes*, Boston, David R. Godine, 2002, pp. 3-23.

René Descartes, o pai da filosofia moderna, um dos maiores gênios matemáticos que já existiu, lançou as bases para o predomínio da razão na ciência e nas coisas da vida humana, dessacralizando a natureza e colocando o indivíduo humano acima de igreja e estado. Sem o individualismo cartesiano, não teríamos democracia; sem o método cartesiano de analisar as coisas materiais, dividindo-as até seus elementos primários, nunca teríamos desenvolvido a bomba atômica. A ascensão da ciência moderna do século XVII, o Iluminismo do século XVIII, a Revolução Industrial do século XIX, o computador pessoal do século XX e a decifração do cérebro humano do século XXI são todos cartesianos. O mundo moderno é um mundo cartesiano até a medula – todo este mundo da alta tecnologia, da física-matemática, das calculadoras e robôs, da biologia molecular e da engenharia genética – no qual a razão dedutiva guia e controla não só nossa ciência, tecnologia e ação prática, mas também a maioria das nossas decisões morais.

A objetividade está na moda, a subjetividade, não. Descartes triunfou precisamente porque o seu método de tratar como máquinas os entes naturais – até mesmo os corpos humanos – funciona. Ele fez a promessa de que, com o seu método, nos tornaríamos senhores e possuidores da natureza. E ele a cumpriu.

Descartes partiu em busca do conhecimento certo. Sua procura pela certeza, nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (1641), começa pela classificação de todo o conhecimento em três categorias, de acordo com a sua fonte: autoridade, experiência sensorial e razão. Em seguida, ele mostra como duvidar de cada tipo de conhecimento. O princípio subjacente é que você não deve confiar em nenhuma fonte que alguma vez já o enganou ou iludiu, ainda que só por uma vez.

Descartes mostra, em primeiro lugar, que se pode duvidar de qualquer conhecimento que venha da autoridade. A razão disso é que especialistas divergem e não temos um modo seguro de chegar a uma decisão sobre qual deles está certo. Eis uma história que ilustra o problema. No início da Revolução Protestante, os católicos disseram que não havia maneira de discernir se Lutero e Calvino eram loucos ou não (uma suspeita que você poderia ter a respeito de qualquer um que pensasse estar em contato com Deus). Por outro lado, os católicos podiam saber a verdade, porque o papa é infalível. Porém, os protestantes, rebeldes e ardilosos, não contestaram a infalibilidade papal; eles simplesmente fizeram a seguinte pergunta: Quem é o verdadeiro papa? Não há maneira pela qual um ser humano falível possa dizer quem é papa e quem não é – só o verdadeiro papa sabe ao certo. E houve momentos em que mais de um cardeal afirmou ser o papa. Isso dá conta do conhecimento baseado na autoridade. Obviamente, esta mesma história mostra também como duvidar de uma espécie muito influente de autoridade na

cristandade ocidental, a da revelação. Talvez Deus tenha revelado algumas verdades para os patriarcas bíblicos, como Moisés, por exemplo. Mas como eles sabiam que aquele era Deus? E se era mesmo Deus, será que eles o entenderam? E se eles o entenderam, será que conseguiram escrever a mensagem direito? E se conseguiram escrevê-la direito, como saber se nós a entendemos? E por aí vai.

Nosso conhecimento sensorial também é duvidoso. Má iluminação, olhos fracos ou ilusões podem fazer com que nos enganemos, por exemplo, a respeito das cores e tamanhos das coisas. Ou podemos estar bêbados, ludibriados, sonhando ou loucos. Claro, eu acho que sou perfeitamente são, mas o Napoleão Bonaparte que mora na minha rua também acha.

Mais ainda, Descartes afirmou que todas as sensações que temos se passam dentro de nossas mentes e que não temos nenhuma experiência direta do mundo externo. As pessoas acreditam que vêem, tocam, ouvem, sentem o gosto e o cheiro dos corpos materiais diretamente, mas isso não acontece. Na verdade, o que ocorre é que o mundo age sobre os órgãos sensoriais, os quais enviam mensagens ao cérebro através dos nervos. Em seguida, estados cerebrais (ou ativações neurais, para usar o termo mais atual da ciência que estuda o cérebro) fazem com que a mente tenha experiências sensoriais de visão, tato, audição, paladar e olfato. Conhecemos o mundo por meio dessas representações sensoriais. Nossa experiência sensorial está confinada a um círculo de imagens mentais causadas pelo mundo material. Acreditamos que essas imagens sensoriais são semelhantes aos corpos materiais, mas nunca poderemos saber se o mundo material realmente é como as experiências sensoriais que temos dele, porque nunca poderemos comparar essas experiências mentais com o próprio mundo. Este é um enigma cartesiano. Para saber se o mundo realmente é como as sensações que temos dele, teríamos de conhecer o mundo diretamente, para podermos comparar nossas sensações com os corpos materiais. Porém, a única maneira de conhecer o mundo dos corpos materiais é por meio das sensações que temos dele. É ingênuo, dizia Descartes, pensar que vemos as coisas do mundo externo como elas realmente são. E mais ainda, o mundo material não é nada parecido com as nossas experiências sensoriais. Isso parece bastante claro em relação a emoções, dores etc. Corpos, por exemplo, podem fazer com que você sinta calor, mas eles próprios não sentem calor; são seus átomos que estão movendo-se bastante rápido. Mas e os tamanhos e formas dos corpos? Não os vemos como são?

Aqui estão alguns exercícios para convencê-lo de que você nem mesmo consegue ver os tamanhos e formas corretos das coisas.

Levante seu polegar e olhe para ele. Agora pressione um dos seus globos oculares. O que você vê? Dois polegares. Mas só há um polegar lá, então que você vê é diferente do que está lá. OK? Na verdade, eu mesmo nunca faço esse exercício porque pressionar meu globo ocular me dá arrepios. Portanto, tente este outro.

Mantenha o polegar bem na frente de você, a uma distância equivalente ao comprimento do seu braço. Agora traga-o lentamente para cada vez mais perto de seus olhos. O que é que acontece? Ele se torna maior. Mas nosso polegar não pode ficar maior só porque o movemos para mais perto de nossos olhos. Então o que você vê não é o seu polegar, mas apenas uma representação visual dele. Na verdade, você nunca vê o seu polegar, apenas imagens dele, ou melhor, você vê imagens que você acha se parecerem

com o seu polegar. Lembre-se de que você nunca percebe o seu polegar diretamente para poder verificar.

Se você ainda não estiver convencido, o grande filósofo britânico Bertrand Russell irá esclarecê-lo. Ele ressalta que quando você olha para o sol – através de um vidro escurecido – a luz que atinge seus olhos partiu do sol oito minutos atrás. Será que essa luz faz com que você veja a imagem do sol tal como ele se encontra neste instante? Não, ela faz com que você veja a imagem do sol tal como ele era oito minutos atrás. Então o que você vê é uma imagem em sua mente, não o sol. A mesma coisa acontece quando você sente uma alfinetada no seu polegar. Leva um tempo para a mensagem ir de seu polegar, através de seus nervos, até o cérebro, e é só quando ela chega ao cérebro que você toma conhecimento da dor, uma sensação que ocorre depois da picada e que por isso mesmo não pode ser a mesma coisa que ela. Logo, o que você tem é uma sensação em sua mente, não o alfinete picando o seu polegar. De qualquer modo, uma sensação de dor não é semelhante a uma alfinetada.

Quanto à terceira fonte de conhecimento – o raciocínio –, ela não pode ser confiável, mesmo quando você está normal e bem acordado. Raciocinando, todo mundo já chegou a conclusões incorretas alguma vez. Pense nos erros que você já cometeu em aritmética elementar, para não mencionar aqueles em assuntos mais complexos relativos à cognição, erros cometidos por falta de conhecimento, desatenção, fadiga, ou falha de memória. Você tem de prestar atenção o tempo todo. O método que Descartes usou para revolucionar a pesquisa científica quase se reduz à admoestação de sempre verificar os resultados a que você chegou, para ver se as coisas são realmente da maneira como você concluiu. Mesmo quando você faz uma verificação, é sempre possível que você esteja cometendo um erro no momento mesmo em que você revê os passos do seu raciocínio. Cuidado nunca é demais.

Esta possibilidade de tirar uma conclusão errada ao raciocinar é evidenciada em uma das histórias favoritas de meu pai. Um homem coloca seu filho pequeno, de pé, em um muro alto, dá alguns passos para trás e diz: “Pule, meu filho, e eu pego você.” O confiante garotinho salta, ao que o pai vai um pouco mais para trás e a pobre criança cai com tudo no chão. “Está vendo?”, diz o pai, “Que isto sirva de lição para você. Nunca confie em ninguém.”

Como o *gran finale* da dúvida universal, Descartes imaginou um demônio enganador todo-poderoso que preenche sua mente com as sensações e pensamentos que você tem durante toda sua vida – embora nada realmente exista senão a sua mente, o demônio e os sentimentos e idéias que ele faz você ter. Toda a sua experiência ocorreria *como se* você tivesse um corpo e *como se* houvesse um mundo cheio de outras pessoas e coisas. Mas, na verdade, não haveria mundo material, não haveria mais ninguém, só o demônio e você, iludido. Isso seria pior do que ser um cérebro numa cuba, alimentado de fantasias por um cientista louco, pois então você nem sequer teria um cérebro. Só o demônio, sua mente e suas sensações e pensamentos existiriam.

Você já está ficando preocupado? Talvez o demônio seja Deus. A história do Antigo Testamento a respeito do que Deus fez a Jó sugere que Deus é um pregador de peças. Deus tirou tudo de Jó para testar sua crença. Como Jó se manteve fiel, Deus devolveu-lhe tudo. Mas, como minha filha, tomada de desgosto, me fez ver – depois de

eu lhe ter lido a história quando muito pequena –, Deus não devolveu os mesmos filhos e filhas que ele havia matado. Em vez disso, ele deu a Jó novas crianças. E realmente isso não é a mesma coisa.

Mesmo que apenas a sua mente e Deus existissem e não houvesse corpos no mundo, Deus poderia dar a você experiências como se eles realmente existissem. Isso é o que algumas pessoas pensam que acontece com as almas desencarnadas que vão para o céu ou para o inferno. Ainda que você não tenha um corpo, sua mente pode ser estimulada ou torturada.

Suponha que você não acredite em Deus. Suponha que não haja Deus. Assim, talvez a única coisa que exista no mundo seja sua própria mente, a qual faz com que ela mesma tenha esta mesma série de experiências que você está tendo agora. Isso se chama solipsismo (solo significa um) e, na verdade, faz com que você seja Deus. Mas, peraí! você diz, se eu fosse Deus, eu teria me divertido muito mais do que me diverti até agora. O próprio Descartes levantou essa objeção, mas ele só estava fingindo ser otimista. Como você sabe que você não é apenas uma alma perversa, sado-masoquista, que causa a si mesma a dor que tanto deseja?

Um pouco de reflexão mostra que nós realmente não sabemos nada de muito certo. Quer apostar a sua vida que o que você vê na sua frente é um punhal? Ou um vaso de flores? De jeito nenhum. Cineastas e mágicos de palco, cientistas e técnicos-farmacêuticos são capazes de criar ilusões muito bem elaboradas. Com tanto a perder e ainda mais nestes dias de realidade virtual eu não arrisco nada, mas vou agir baseado em algo inferior ao conhecimento certo. Tenho de fazê-lo. Mesmo o próprio Descartes dizia que se antes de fazer a coisa certa você precisasse estar *completamente* seguro de qual a coisa certa a ser feita, você nunca faria nada. Dado que não sabemos nada ao certo, a ação prática no mundo exige que você jogue com as probabilidades. Mas o que fazer quando as chances são iguais? Descartes dizia que devíamos escolher uma linha de ação de forma aleatória e segui-la até o fim. Aí está o seu racionalismo cartesiano.

Parece que você pode duvidar de tudo. Mas, então, nas profundezas do seu desespero cético, verifica-se que há uma coisa que se pode saber com certeza.

Deixe-me contar uma história.

Num certo dia, Morris Raphael Cohen, lendário professor do City College de Nova York, deu uma palestra sobre o método cartesiano da dúvida e respondeu de forma ambígua a questão sobre a existência da realidade. Na manhã seguinte, quando o professor Cohen chegava em seu escritório, ele encontrou à sua espera um jovem que estava obviamente muito aflito. O professor Cohen abriu a porta e conduziu o aluno para dentro do escritório. “Diga-me, professor Cohen,” o estudante deixou escapar de uma só vez, “eu fiquei a noite toda preocupado com isto. Diga-me, eu existo?” O professor Cohen fixou-o com um olhar penetrante e, com seu sotaque iídiche eminentemente imitável, disse: “Então, e quem é que quer saber isso?”

Proporcionando o ponto alto de mil piadas e charges, em seu *Discurso do Método* (1637), Descartes disse: “Penso, logo existo.” Quem quer que pense essa afirmação não pode duvidar dela. É verdadeira para Deus se ele pensar “eu sou aquele que sou” e igualmente para o cão que pensa “lato, logo existo” – se os cães que latem de fato pensam. É verdadeira sempre que você perceber que *você* está fazendo algo. Quem quer

que, com consciência de si, ande, ou fale, ou apenas pense a respeito de andar ou falar, ou simplesmente sonhe que está andando ou falando, existe. Esta é uma certeza de experiência direta; não decorre da razão ou de argumentação. Assim, em suas posteriores *Meditações* (1641), Descartes cortou o “logo” para dizer apenas: “Eu penso, eu existo.” É certo, de maneira auto-evidente e intuitiva, que enquanto sei que estou fazendo algo – mesmo que esteja apenas pensando –, eu existo. Escrevo estas palavras e, catapimba, eu existo. Minha própria existência é confirmada pela mera tolice da minha tentativa de duvidar dela.

Descartes chegou a dizer que há uma segunda coisa que nós podemos saber com certeza: que Deus existe; ademais, deu várias provas da existência de Deus. Uma das mais simples é a de que Deus é perfeito e que se Deus não existisse, Ele não seria perfeito; portanto, Ele existe. Infelizmente, essas provas nada provam, pois Descartes já havia mostrado que não podemos confiar no raciocínio para obter verdades certas. A natureza duvidosa do raciocínio, então, nos leva ao insidioso círculo cartesiano: você tem de usar a razão para provar a existência de Deus, mas antes de poder confiar na sua razão, você tem de saber que Deus existe e garante que sua razão não o enganará. O círculo fatal é que você tem de confiar no seu raciocínio para provar que Deus existe, mas também tem de saber que Deus existe antes de poder confiar na sua razão. Você precisa ter A para provar B, mas também precisa de B para provar A. Ou seja, você não chega a lugar nenhum, só dá voltas e mais voltas.

A mesma coisa vale para a afirmação alternativa de Descartes de que a existência de Deus é conhecida não pela razão, mas pela intuição. Antes que você possa confiar em sua intuição, tem de saber que Deus existe e que garante que sua intuição não o está enganando. Por fim, Descartes diz que a crença na existência de Deus deve, em última instância, repousar na fé, que ele alegava ter.

A questão da certeza da existência de Deus será muito importante se você estiver preocupado com a salvação de sua alma. Se estiver, você provavelmente gostaria muito de saber qual das milhares de religiões é a verdadeira. Os cristãos, por exemplo, dizem que Deus ordena a todos nós que não tenhamos outros deuses diante d’Ele e está preparado para impor sanções bem graves àqueles de nós que O desobedecemos. Se Ele existe, seria bom saber. Mesmo para aqueles filósofos que não crêem em Deus, a procura da certeza tem sido, há séculos, uma importante – e em grande parte inútil – busca intelectual.

De John Dewey a Richard Rorty, os pragmatistas americanos deploram essa busca desesperada pela certeza, e eles estão, seguramente, certos. Devemos abandonar a malbaratada, fútil e incapacitante busca pela certeza. Por causa dela a filosofia adquire má reputação entre as pessoas comuns, que de vez e quando gostariam de ler um bom livro de filosofia para fins de orientação e edificação. Porém, o que é que eles encontram na filosofia hoje em dia? Análise lingüística abstrusa e lógica matemática, as quais, é claro, Descartes ajudou a inventar.

O engraçado nisso tudo é que na verdade o próprio Descartes não levou o problema da certeza a sério. Ele nunca acreditou que nós poderíamos obter conhecimento certo a respeito do mundo que nos cerca, nem ele se preocupou com isso. Quanto a Deus enganar-nos, ele disse que a hipótese do demônio é metafísica e hiperbólica, o que

significa exatamente isso o que você está pensando. Seria muito temerário duvidar da existência de Deus e seria muito estúpido se preocupar com a falta de conhecimento certo quando você tem de ganhar a vida. Para a existência de Deus, temos a fé. Para assuntos práticos, sempre nos arranjamos relativamente bem com o conhecimento provável, e isso sempre será assim. Usamos o raciocínio comum para o qual Descartes fornece um método que permite que uma pessoa se vire tão bem como qualquer outra. Basta começar com o melhor conhecimento que você tem. Divida os problemas em partes e resolva-os na ordem do mais simples para o mais complexo (assim como na adição passo a passo de uma coluna de números). Em seguida, sempre reveja os passos de seu raciocínio e verifique os resultados obtidos. Esse também é o fundamento do igualitarismo cartesiano. Ao usar o método de Descartes, o seu poder de raciocínio torna-se tão bom quanto o de qualquer outra pessoa. Vá em frente!

Portanto, o mundo moderno é cartesiano não porque ele conduziu filósofos profissionais à busca da certeza (e, no fim, à contemplação de seus próprios umbigos), mas porque o método cartesiano de raciocínio analítico permite pessoas comuns tornarem-se senhoras e possuidoras da natureza. Descartes criou o controle racional facilitado, passo a passo.

Antes de Descartes, os filósofos escolásticos acreditavam que tudo tem um espírito ou uma alma que deseja e que é dotada do poder de buscar a satisfação dos seus desejos. Aristóteles dizia que todos os corpos anseiam ir para o centro da terra. Você pode fazer um teste. Basta deixar um objeto cair e observar se ele não tenta ir exatamente para o centro da terra. Não se esqueça de não ficar no caminho dele se ele for pesado. As bolotas se esforçam para tornarem-se carvalhos e algumas obtêm sucesso. Esta é uma visão pampsiquista, segundo a qual tudo tem uma alma que deseja tornar-se algo, em algum lugar. Ou seja, para controlar uma coisa, você primeiro deve tentar descobrir quais são seus desejos e, em seguida, tentar manipulá-la impedindo ou promovendo a satisfação desses desejos. Ou você pode tentar conversar educadamente com ela.

Uma total e estúpida absurdidade, dizia Descartes. Nunca se soube que tal persuasão tivesse funcionado com coisas. Ela, no entanto, funciona com pessoas (como era de se esperar). Descartes concorda com isso porque as pessoas (e somente as pessoas) de fato têm um espírito, alma ou mente. E apenas pessoas dotadas de mentes têm desejos e o poder de fazer coisas. Corpos não têm desejos, nem poderes. Eles se movem apenas porque suas engrenagens interagem, por assim dizer, quando eles se chocam uns com os outros. Tudo que você precisa saber para controlá-los é qual o jeito de empurrá-los.

A natureza foi completamente dessacralizada por esta nova ciência mecanicista de corpos sem alma que se movem apenas quando colidem. Descartes arruinou o sobrenatural. Porque os corpos não têm alma, eles não são auto-conscientes, não sentem e não pensam. Eles não fazem nada por si mesmos, porque não têm um eu. Só são empurrados para lá e para cá. Mesmo os corpos vivos são máquinas feitas de matéria, material inerte. Corpos humanos não ligados a almas não são pessoas, mas apenas ossos e carne, zumbis, robôs, andróides. O corpo humano nada tem de especial ou espiritual ou sagrado. Assim, você pode fazer o que quiser com corpos humanos.

Eis outra história.

Um dia, em 1664, *Père Nicolas Malebranche* adquiriu uma cópia de uma obra póstuma de Descartes, o *Tratado do Homem*, na tenda de um livreiro nas margens do Sena, em Paris. Ele começou a ler o livro ali mesmo e ficou tão animado que teve de ir para casa e deitar-se para aliviar as palpitações do seu coração. Aliás, se você nunca ficou assim tão animado ao ler um livro, não tenho palavras para dizer quão triste me sinto por você. Quanto a *Père Malebranche*, ele se tornou o discípulo de Descartes mais famoso do século XVII.

Um dia, alguns anos mais tarde, *Père Malebranche* passeava na rua St. Jacques conversando com um grupo de amigos, que incluía La Fontaine, o escritor daquelas magníficas fábulas de animais – como aquela da raposa que saltou e pulou, mas não conseguiu alcançar um cacho de uvas suculentas. Por fim, a raposa desistiu; quando estava indo embora, porém, ouviu-se ela dizer que as uvas estavam certamente azedas.

Enquanto *Père Malebranche* e seus amigos caminhavam juntos, uma cadela grávida veio até eles balançando o rabo. *Père Malebranche* ajoelhou-se para acariciá-la. Em seguida, certificando-se de que seus amigos o observavam, ele se levantou, subiu a batina, e chutou o pobre animal no estômago com todas as suas forças. A cadela correu gritando pela rua e os companheiros de *Père Malebranche* exclamaram horrorizados, ao que *Père Malebranche* engrossou a voz e, basicamente, disse: Que vergonha! Contenham-se. Essa cadela não é senão uma máquina. Dê-lhe uma esfregadela, ela se coça. Assobie, ela vem. Chute-a, ela uiva e foge. Há um botão a ser apertado e um mecanismo para cada uma de suas ações. Ela nada mais é do que uma máquina. Guardem sua compaixão para as almas humanas.

Père Malebranche foi sempre caracterizado como um dos homens mais doces e compassivos de seu tempo.

Descartes disse – para sua boa ou má fama – que todos os animais são máquinas. Ele disse que *todos* os animais são máquinas. Mesmo o corpo humano é uma máquina. Animais humanos seriam autômatos – assim como todos os outros animais –, isto é, robôs vivos agindo inconscientemente por estímulo e resposta, se não fosse pelo fato de que cada corpo humano está unido a uma alma. E só os animais *humanos* têm almas. Para Descartes, a alma é a mente humana. É a mente que está consciente, não o corpo. O eu humano, a pessoa, é a mente, não o corpo. E a mente tem livre arbítrio, a capacidade de fazer com que o corpo humano aja da maneira contrária à que seria a resposta dele a puros estímulos ambientais.

Você sabe como essas coisas são. Faz 30 anos que eu faço o mesmo caminho – uma milha da minha casa até meu escritório no campus da Universidade de Washington. Mas eu raramente o percorro conscientemente. Sei disso porque às vezes faço este mesmo percurso para ir a uma livraria que fica a meio cominho entre minha casa e a universidade de Washington e porque, no mais das vezes, me dou conta de que me encontro bem depois da livraria, e até mesmo em meu escritório, antes de eu perceber que estive operando no automático e tinha andado toda a distância sem pensar ou ver o que eu estava fazendo. Deixe-me apenas observar que nós, seres humanos, estamos conscientes por um tempo muito menor do que aquele que geralmente acreditamos estar conscientes – muito menor. Quase tudo o que fazemos, nós conseguimos fazer, e muitas vezes fazemos, sem pensamento consciente. Mas Descartes disse que o que nos torna humanos

é que *podemos* direcionar os movimentos dos nossos corpos, ou pelo menos alguns deles, se prestarmos atenção. Descartes não sabia, e aliás ninguém sabia, como isso funciona. Mas funciona. A opinião de Descartes de que todas as coisas materiais, todos os corpos, todos os animais – incluindo o corpo humano – são máquinas conduziu a um avanço revolucionário na ciência, que ainda está crescendo. Se os corpos são máquinas, então os cientistas, ao empregar o método cartesiano de modelos mecanicistas, são capazes de descobrir como os corpos funcionam e, portanto, como podem ser controlados. Não da mesma maneira como as nossas mentes controlam os nossos corpos, a partir de dentro, mas a partir de fora, isto é, dando-lhes um bom pontapé no lugar certo.

É óbvio que a noção cartesiana de que animais são máquinas serve de fundamento à psicologia behaviorista. Os animais não pensam, eles apenas se comportam. Ou seja, quando empurrados por outros corpos eles se movem. Assim, você pode entendê-los e prever seus movimentos pela simples observação do comportamento deles. A tese de que animais são máquinas também foi uma grande benção para a investigação anatômica e fisiológica.

Porque os animais não-humanos não têm mentes ou almas, eles não são conscientes. Isto é, eles não conhecem a si mesmos porque não têm um eu. Assim, eles não sentem nada, não têm dor nem prazer. Conseqüentemente, você pode abrir animais vivos para ver como eles funcionam sem se preocupar se isso vai machucá-los. Se eles se contorcerem e gritarem, trata-se apenas da resposta automática que uma máquina robótica dá quando estimulada.

Descartes deu instruções tais como: Pegue um coelho vivo e abra seu peito para que você possa ver o coração dele batendo. Agora, pegue uma tesoura e corte a artéria que conduz para fora ... e por aí vai. Isso é algo que você mesmo pode ter feito a um sapo numa aula no laboratório de biologia no ensino médio. A idéia de Descartes de que os animais não têm sentimentos permitiu que mesmo as pessoas mais sensíveis pudessem praticar vivissecção – prática à qual devemos muito do nosso conhecimento acerca do funcionamento dos corpos de animais vivos.

Essa idéia de que todos os corpos de animais são máquinas insensíveis é, aliás, uma inferência direta da interpretação cristã do dualismo cartesiano entre mente-corpo, isto é, da visão de que existem apenas dois tipos de coisas no mundo, almas ativas pensantes ou mentes – a sua e a minha – e matéria passiva que não pensa e que compõe todos corpos. Quando morremos, nossos corpos apodrecem e nossas almas sobrevivem. E os cães? Você quer saber o que acontece aos cães? Deus disse que haveria cães no céu? Claro que não, seria ridículo. Os cães não têm alma e não pecam. Jesus não morreu por nenhum cão fedorento! Apenas as pessoas dotadas de almas são capazes de pecar e de serem lavadas no Sangue do Cordeiro.

Então, se Descartes estivesse vivo hoje, ele seria a favor do aborto e da engenharia genética? Não do aborto, certamente, mas da engenharia genética? Não duvide. O corpo, afinal de contas, é apenas uma máquina e se podemos melhorá-lo, vamos fazê-lo! Deus não proibiu a melhoria da raça.